Ano XI — Lisboa, 2 de Janeiro de 1936 — N.º 519

Oferta

Pim Pam Pum!

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DIRECTOR AUGUSTO DE SANTA RITA

ANO NOVO

Aos seus leitores fiéis,
«PIM-PAM-PUM» muito deseja
que bom e próspero seja
o «Mil nove e trinta e seis»!

«PIM-PAM-PUM» cujas piadas
são sempre *boas saídas*,
a todos os camaradas
das suas belas partidas,
deseja *Boas entradas!...*

NOTAS BIOGRÁFICAS
Por MANUEL FERREIRA

D. FUAS ROUPINHO

A nossa História é a mais linda de todo o mundo, por descrever lendas, que parecem acontecimentos reais e por conter actos heróicos que parecem extraordinárias lendas.

Afonso Henriques pouco depois de nascer, enfezado e raquítico, beneficia do milagre de N.ª Sr.ª do Cárquere, que o transforma no mais forte gigante do seu tempo. Surgem, depois, o feito de Martim Moniz, que parece — se o não é — uma lenda, e o milagre de Ourique, que muitos julgam ter sucedido...

E, por aí fora, no decorrer dos séculos, a tradição anda ligada aos factos heróicos, destemidos e abnegados da nossa gente.

No tempo em que Afonso Henriques, o grande batalhador, alargava, com seu rijo montante, as fronteiras de Portugal, distinguiu-se uma figura extraordinária que tem uma existência real e, ligada a esta, a tradição de um suáve milagre.

Alcaide do castelo vetusto de Porto de Mós, conseguiu, ardilosamente, salvá-lo dum ataque inimigo, impondo-se à consideração do monarca conquistador.

El-rei, preocupado, com os estragos que galés marroquinas faziam nas costas de Portugal, equipou pequenas frotas que, constituindo uma esquadra, foram entregues ao comando de D. Fuas Roupinho.

Este saíu a barra e, fazendo-se ao mar, encontrou galés mouras, que navegavam sob o comando de um famoso corsário da época. Dando sôbre o inimigo, D. Fuas infligiu-lhe uma pesada derrota e regressou a Lisboa, em triunfo, com os barcos aprisionados.

Encorajado pela vitória, o bravo marinheiro pediu a el-rei que o deixasse ir em busca de inimigos. D. Fuas correu, com 2 galeras, toda a costa, e entrou em Ceuta, donde regressou rico de despojos.

Depois, juntando 21 galés, dirigiu-se à mesma cidade africana, no intúito de a tomar. À vista de Ceuta, quando se dispunha ao ataque, saíu-lhe ao encontro uma poderosa esquadra inimiga de 54 navios.

A boa prudência recomendava a D. Fuas Roupinho uma retirada oportuna e honrosa. Mas o seu ânimo não sofria essa fraqueza...

Iniciada a luta, os nossos barcos bateram-se, bravamente, mas foram

metidos a pique e os restantes procuraram a salvação na fuga.

D. Fuas, louco, enraivecido, atirou-se, com o seu barco, para o meio do inimigo, onde, após luta épica, heroica, sucumbiu.

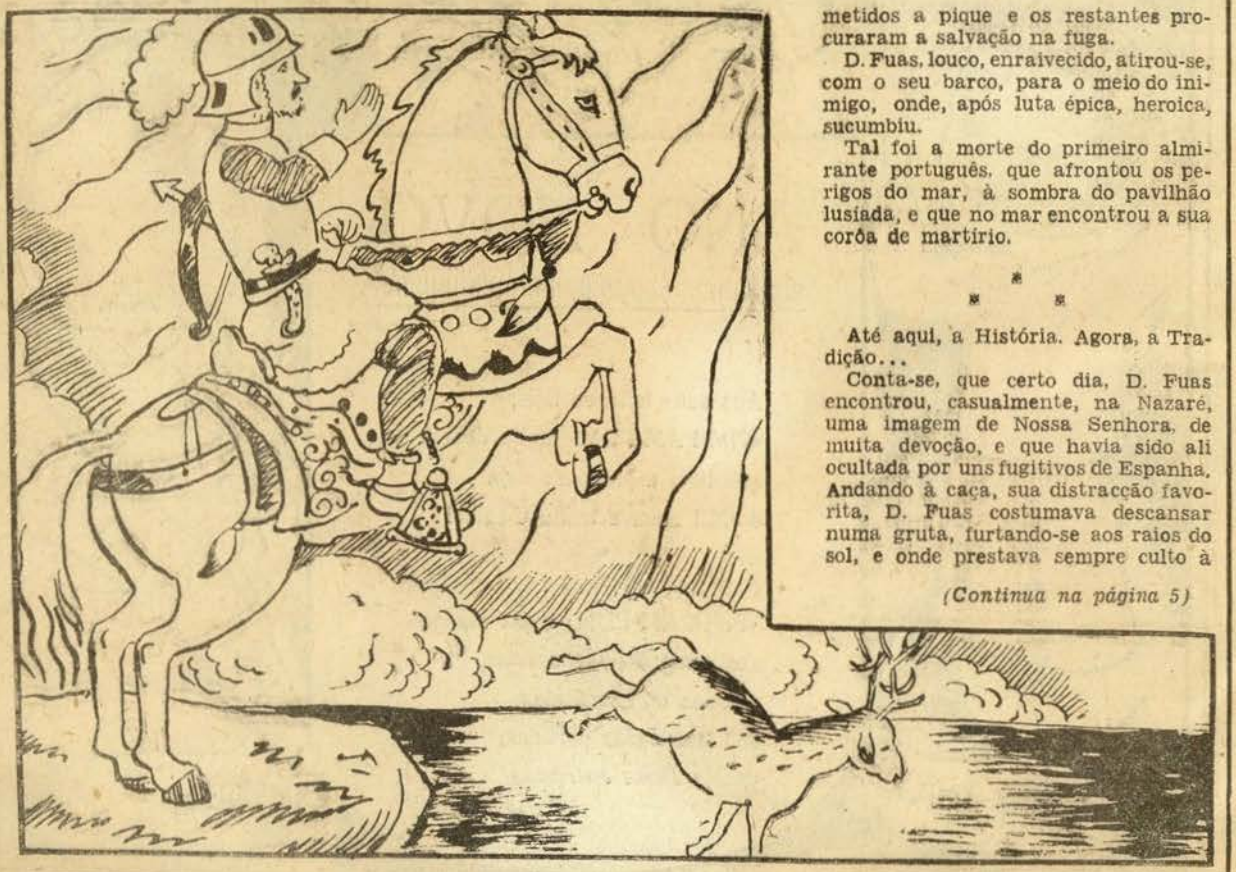
Tal foi a morte do primeiro almirante português, que afrontou os perigos do mar, à sombra do pavilhão lusíada, e que no mar encontrou a sua corôa de martírio.

* * *

Até aqui, a História. Agora, a Tradição...

Conta-se, que certo dia, D. Fuas encontrou, casualmente, na Nazaré, uma imagem de Nossa Senhora, de muita devoção, e que havia sido ali ocultada por uns fugitivos de Espanha. Andando à caça, sua distracção favorita, D. Fuas costumava descansar numa gruta, furtando-se aos raios do sol, e onde prestava sempre culto à

(Continua na página 5)



O QUE À MARIA HELENA DISSE O MENINO JESUS

Nessas faces tão risonhas,
Vou depôr um grande beijo,
E, como comigo sonhas,
Dizer o que eu te desejo:

Quer teu Jesus Pequenino
Que só o que fôr perfeito,
Suáve, terno, divino,
Possa acolhêr-se em teu peito.

Que teus olhos luminosos,
Puros, castos, inocentes,
Sejam fagueiros, bondosos,
Caritativos, clementes.

Que essas mãos de grande alvura,
Finas, delgadas, patrícias,
Saibam dar... e, com ternura,
Prodigalizem carícias.

Que da tua bôca em flôr,
Dessa tão linda boquita,
Saiam só falas de amor,
Duma doçura infinita.

Que o lindo e meigo sorriso
Que brinca nos lábios teus,
Seja o rendilhado friso
Da morada do Bom Deus.

Que tenhas boa fortuna,
Sempre uma vida sublime;
E que a má sorte importuna
Nunca de ti se aproxime.

. . . . . .

Ao voltar para os espaços
Onde fulge e brilha a Luz,
Deixa-te beijos e abraços
O teu

MENINO JESUS

Pela copia:

ROSA MARIA

Dezembro de 1935

UMA LENDA

(Conclusão do número anterior)

— «Também não és tu, o escolhido. Procedeste sempre bem, mas não fôste generoso para com o adversário e deixaste-te fascinar mais pelos aplausos vilões do que pelos sentimentos nobres.»

Desalentado, o cavaleiro afastou-se. Flôr-de-lis lá ficou cada vez mais triste.

Suspirava ela:

— «Quem virá, agora? Definho-me dia a dia como se fôra uma rosa a que arrancassem as pétalas.»

Nisto, ouviu-se uma canção melodiosa e o crepitar duma chama. Flôr-de-lis olhou, e viu muitos rapazes em tôrno de uma fogueira. Os mais velhos cuidavam dos pequeninos e ensinavam-lhes lindas histórias.

Ao ver a tôrre um dos escoteiros, rapaz simpático, chapéu desabado, lenço no pescoço, calção curto, acercou-se.

— «Vindes libertar-me?» — preguntou Flôr-de-lis.

— «Sim! O que é necessário?» — preguntou o rapaz, que se chamava Frederico.

— «Seres um modêlo de virtudes e um conjunto de perfeições.»

— «Eu não o sou — observou o rapaz — mas vou procurar ter essa perfeição.»

Daí para diante, todos os dias o escoteiro fazia uma boa acção. Era verdadeiro; a sua palavra era sagrada; era obediente e respeitava-se a si próprio; era cortês e leal; a todos considerava seus irmãos; era generoso e valente; tinha sempre uma boa disposição de espirito; amava os animais e as plantas; era económico, sóbrio e respeitador e, em suma, era um modêlo de pureza.

A princesa exultava de contentamento. Quando Frederico regressou, a tôrre maldita transformou-se num palácio deslumbrante.

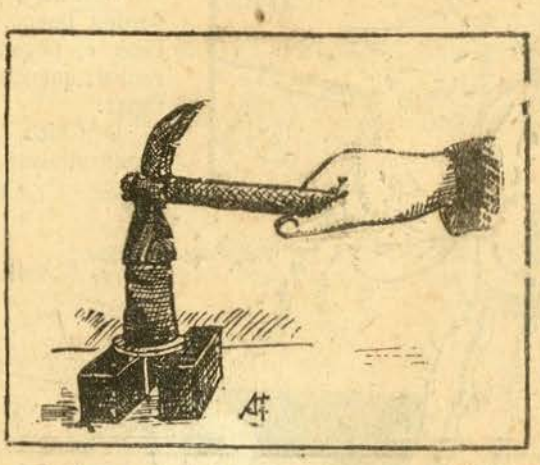
Flôr-de-lis saudou-o. E ante o altar da Pátria, os bons espíritos entregaram aos noivos a aliança do noivado.

* * *

No momento em que Frederico e Flor-de-lis transpunham os humbrais do palácio, êste transformou-se numa séde escotista, onde se via a figura de S. Jorge, patrono da nossa terra. E, momentos depois, surgiu o vulto lindo de Nun'Alvares — o herói e santo — que abençoou os noivos e lhes entregou, num arroubo místico, a bandeira linda do nosso Portugal.

F I M

FURAR UMA MOEDA COM UMA AGULHA



Para se conseguir o que acima dizemos, basta introduzir, verticalmente e pela parte mais grossa, a agulha numa rôlha de cortiça, sendo a parte que tem o bico, e que fica de fora muito mais pequena que a introduzida.

Dispõe-se, depois, a moeda sôbre dois suportes de madeira, ficando o seu centro no espaço. Colocando a agulha perpendicularmente a ela, descarrega-se com um martelo uma pancada vigorosa sôbre a rôlha e êste choque fará a primeira atravessar a moeda.

Se experimentarem, cuidadinho com os dedos!

PARA OS MAIS PEQUENINOS

AS GATINHAS TAMBÉM SABEM SER MÃIS

Por LEONOR DE CAMPOS

A Milá tem uma gatinha, muito linda, muito linda. É tôda branca, com o pêlo macio, que até parece veludo.

A linda Milá gosta muito dela e trata-a com carinho. Dá-lhe sopinhas de leite, peixe fresquinho e, uma vez por outra, um bôlo. Não lhe dá bôlos todos os dias, para não a habituar a maus costumes.

E faz ela muito bem, não é verdade? A Milá sabe educar a sua gatinha.

A bichana chama-se Bibi. É um nome bem bonito, para uma gatinha branca. Olé, se é!

Como a Milá a trata muito bem e o resto da família é amigo dela, porque a Bibi é asseada, não arranha e não é lambareira, a gatinha seria um bicho feliz se... se... não existisse o Chico.

Sabem quem é o Chico?

É um rapaz já grande, muito mau, muito malcriado, vizinho da Milá. O jardim do Chico fica ao lado do quintal da Milá. De maneira que, volta e meia, com grande desespêro da menina, o Chico salta o muro que separa os dois quintais e vem escangalhar as casinhas que a Milá faz com caixas. Outras vezes, se a apanha entretida a brincar e de costas voltadas, vem com pèzinhos de gato e... pum!... prega-lhe um susto.

Ora a Milá que é muito boazinha, bem lhe perdoaria estas partidas, se o Chico deixasse em paz a Bibi. Mas não. Êle é tão mau que apenas vê a gatinha, desata a atirar-lhe com pedras e a gritar-lhe

com tal fôrça que a pobre Bibi, assustadíssima, vai a correr esconder-se atrás do caixote do lixo, a gemer:

— «Miau... au... au...»

Porisso a Milá não pode ver o Chico. E agora, até já evita ir para o quintal, só para se não encontrar com êle.

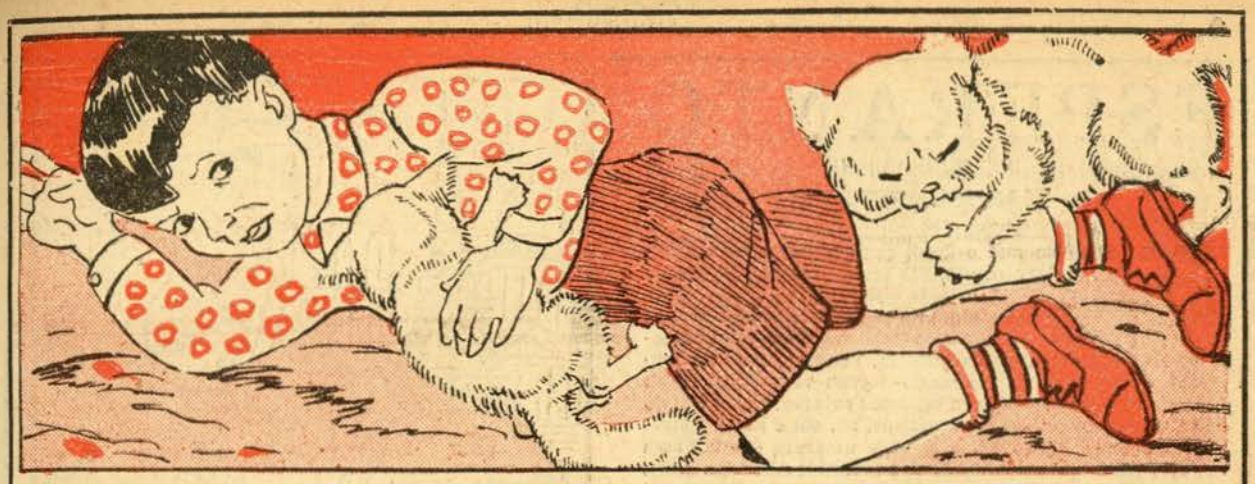
Ora aqui há um mês, a Bibi teve dois filhinhos. Quando nasceram eram feios, tão nojentos que até custava a crêr que fôssem filhos da Bibi. Mas, a pouco e pouco, foram branqueando, o pêlo a crescer, o corpinho a engordar... E agora são tão lindos como a bichana sua mãi. E mais engraçados por serem pequenitos. Parecem mesmo uns novelinhos de algodão em rama.

A Bibi está tôda contente e orgulhosa com os seus meninos. De vez em quando agarra neles com a bôca e leva-os ao jardim para tomarem ar.

Ora ontem, o mauzão do Chico espreitou por um buraquinho do muro. E viu que a Bibi, depois de pôr os filhinhos junto da Milá, que estava no jardim a tratar duns craveiros, se afastava em direcção a casa e em breve desaparecia.

O Chico, que já andava com ela fisgada, não perdeu tempo. Saltou o muro, correu para os gatinhos e, pegando num deles, preparava-se para o roubar, quando a Milá, corajosamente, se agarrou ao rapaz.

O Chico, surpreendido, porque a Milá é uma «pequenitates» ao pé dele, deu-lhe um valente encon-

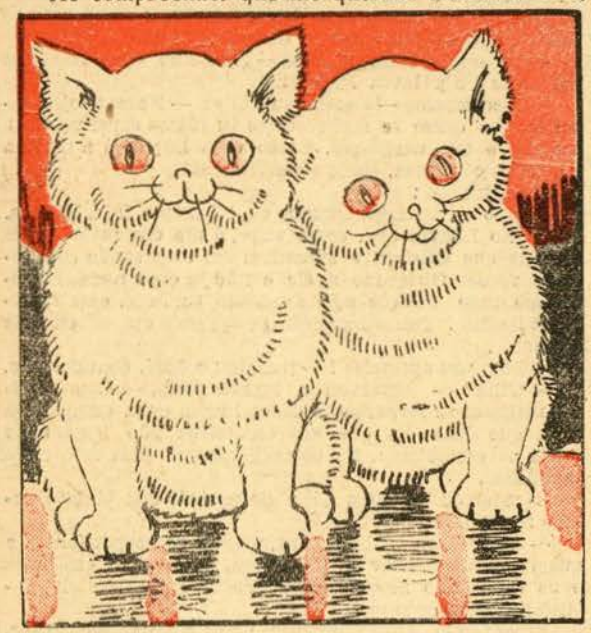


trão. A petiza caiu mas nem assim o largou. Agarrou-se com tal fôrça a uma das pernas do Chico, que êste se desequilibrou e caiu também. Cheia de desespêro, a Milá gritava:

—«Larga o gatinho!... Bibi!... Bibi!... Acode, Bibi, que te roubam o teu menino!...»

De repente, atraída pelos *miùs, miùs* do seu filhinho, ou pelos gritos de Milá, apareceu a Bibi.

Ao compreender que lhe queriam roubar o filho,



quási sufocado entre as mãos do Chico, atirou-se ao rapazola, à dentada e à unhada.

As pernas e as mãos cheias de arranhões, o Chico, a gritar com dores, largou o gatinho.

Então, enquanto a Bibi, carinhosamente, lambia o filhinho, o pêlo ainda erriçado e os bigodes todos levantados, a Milá, que tem um coraçãozinho de santa, disse ao Chico:

—«Vês o que sucede a quem é mau? Escusavas bem disto. Agora tens as pernas e as mãos num estado desgraçado...»

O Chico nem a ouvia. Continuava a gemer:

—«Ai, minha rica perninha!... Ai! Ai!...»

A Milá, então, foi buscar uma bacia com água e um trapinho bem limpo e lavou-lhe as feridas. Em seguida, ajudou-o a levantar-se.

Neste momento, o Chico, arrependido da sua maldade, agarrou-se ao pescoço da Milá e, a chorar, disse:

—«Obrigado, obrigado!... És muito boa e eu muito mau!... Obrigado!... Não torno a fazer-vos mal, nem a ti, nem aos teus gatinhos!... Coitadita da Bibi!... Afinal, as mamãs dos animais são como as mamãs da gente!... Todo aquele que queira fazer mal aos seus filhinhos, com elas se tem de haver!... Não é verdade, Milá?»

—«É, sim. É isso mesmo!...»—concordou Milá, satisfeita com o arrependimento do Chico.

FIM

GRANDES DE PORTUGAL

(Conclusão da pagina 2)

imagem, não revelando o seu achado a ninguém.

Ora, certo dia, tendo saído de madrugada do seu castelo, para se entregar ao seu prazer favorito, sucedeu que, perto da gruta, lhe saíu à estrada um enorme veado, que — segundo a lenda — não era outro senão o Demónio.

Arrastado pelo entusiasmo, D. Fuas, esporeando o seu cavalo, desatou a perseguir o veado que deitou a fugir, àgilmente, sôbre os rochedos, em direcção ao mar. O cavaleiro, entre a grande névoa, seguiu-o, mas o veado, chegando a uma penedia, caiu de uma grande altura no mar.

Com a velocidade com que iam, cavalo e cavaleiro cairiam também no abismo, se o devoto D. Fuas não recebesse o socôrro de Nossa Senhora da Nazaré.

Esta, apareceu-lhe e salvou-o, ficando o cavalo, firme, com as patas dianteiras suspensas sôbre o abismo e as trazeiras cravadas na rocha, onde — (diz a tradição popular) — se vêem, ainda, os sinais das ferraduras. .

Tal é o milagre da Senhora da Nazaré, a que anda ligado o nome dum dos mais bravos cavaleiros e nosso primeiro mareante,

* * *

Diante dêste episódio, ficamos a meditar nos rasgos admiráveis da nossa História, a descrição duma extranha cavalgada em que, ao lado de heroismos e de bravuras, há crenças lindas que correm os séculos e ficam sempre na alma do nosso povo.

E que povo, meu Deus! Sempre enamorado por êste Portugal bendito, em que as grutas suspiram lendas e em torno do qual os mares cantam hinos à bravura da nossa Raça!

ESPERANTO

POR MANUEL FERREIRA

DE há muito que o José, concluído o curso comercial, andava por longes terras, na companhia de seus pais.

Conhecera, a pouco e pouco, a nossa terra: o Minho, de hortas vicejantes e canteiros risonhos de regadio; Trás-os-Montes, serrano, com as mulheres encapuchadas, mirando terras sem fim; Beira Alta, de caminhos floridos e vetustos solares; Beira Baixa, de altas serranias, safões lanzudos, ar, sol e neve; Estremadura, onde a enxada e a rêde atestam que um bom cavador pode vir a ser um bom mareante; Alentejo, suão, de montados e sobreiraís; o Algarve, a provincia sempre noiva, de mouras encantadas que só quando Portugal deixar de ser lindo, perderá o seu encanto.

Também visitára os Açôres e a Madeira, verdejantes, verdadeiros paraísos; Angola, Moçambique, S. Tomé, Cabo Verde e Guiné, terras de gente negra, de feitiços, de selvas e palmares; Índia, de florestas misteriosas; Macáu e Timôr, colónias longínquas, de sândalo, marfim, belas madeiras e flúidos estranhos do Oriente.

Agora, o seu desejo era conhecer o estrangeiro. Madrid aparecia-lhe com o Museu do Prado. Londres seduzia-o com a Ponte sôbre o Tamisa. Paris chamava-o da Tôrre Eiffel. Roma acenava-lhe com o Coliseu. Napoles extasiava-o com a beleza do seu gôlfo. E, num belo dia, meteu os pés ao caminho.

No estrangeiro êle viu, maravilhado, as belezas das grandes capitais. Instruído nas línguas francêsa e inglêsa, êle não encontrou dificuldade de maior em Paris e Londres. Mas eis que chega a Viena, que êle desejava admirar através suas paiságens e suas canções. Não conhecendo, do alemão, o necessário para sustentar uma conversa, êle via-se algo embaraçado.

Porém, de vez em quando, via umas estrêlas verdes na lapela de alguns passeantes. Em certos estabelecimentos lia, a verde, a palavra Esperanto.

Em Bucarest e Praga, a mesma cousa. Voltou por Sofia e Belgrado e sempre a estrêla verde a chamá-lo, a incitá-lo.

Preguntou aos pais o que queria aquilo dizer e êles responderam-lhe:

— Sei lá! Não sei o que é isso de Esperanto, nem para que serve...

Quando José regressou, foi esperá-lo um escoteiro seu antigo colega de Escola. Trazia na lapela uma estrêla verde, junto de uma flôr-de-lis. José viu que o distintivo era absolutamente igual aos que vira no estrangeiro. Indagou logo:

— Oh Filipe, o que significa essa estrêla?

— Oh homem! — respondeu o outro, sorrindo-se. — A estrêla é o emblema esperantista. Todos os que falam esta língua, têm a estrêla para se conhecerem entre si.

Mas eu, em todas as cidades que percorri, encontrei êsse mesmo distintivo! Então, em tôdas as partes se fala a mesma língua? Francamente, não percebo...

— José! — continuou o outro. — O esperanto é uma língua, formada por tôdas as línguas e que serve para todos se entenderem entre si. É universal. Vai-se para a França, para a Bolívia ou para a China e encontram-se lá pessoas que falam esta língua. Assim, entendemo-nos todos... Nas lojas, como tu devias ter visto...

— Vi — interrompeu José — taboletas com letreiros em verde e a palavra Esperanto.

— Isso mesmo — continuou Filipe. — Nessas lojas encontrarias quem te soubesse, (se tu fôsses esperantista) indicar o que desejavas. Como essa língua é a mesma em todos os países, todos se entendem.

E continuou:

— Não sei francês. Quando eu, há pouco, fui à França, entrei no Louvre que, como viste, é um dos mais lindos museus que existem e encontrei um empregado com estrêla verde. Dirigi-me a êle e não te digo nada. Explicou-me tudo. Porque não aprendes tu, José, essa admirável língua? Tanto mais que se aprende em um ou dois meses....

— Pois vou aprender! — rematou o José, com decisão.

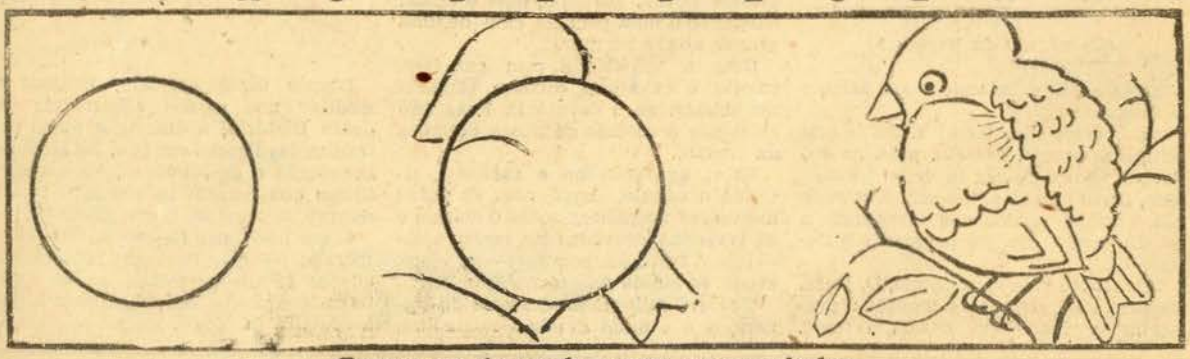
— Olha! — observou o esperantista. — Os escoteiros utilisam-se largamente dessa língua para cumprirem a lei que lhes diz que «os escoteiros são irmãos de *todos* os escoteiros». Eu correspondo-me com escoteiros japoneses.

E mostrou-lhe uma série de postais que tinha recebido havia pouco.

— Além disso, tenho lá fóra, muitos correspondentes a quem dou a conhecer as paisagens, os usos, os costumes e as lendas do nosso querido Portugal, — concluiu, entusiasmado, o escoteiro.

Procedamos, ajuizadamente, como o simpático Filipe. Porque não vamos, meus meninos, aprender o esperanto, para fazermos a propaganda da nossa terra e conhecermos todo êsse mundo de maravilhas?...

LIÇÃO DE DESENHO



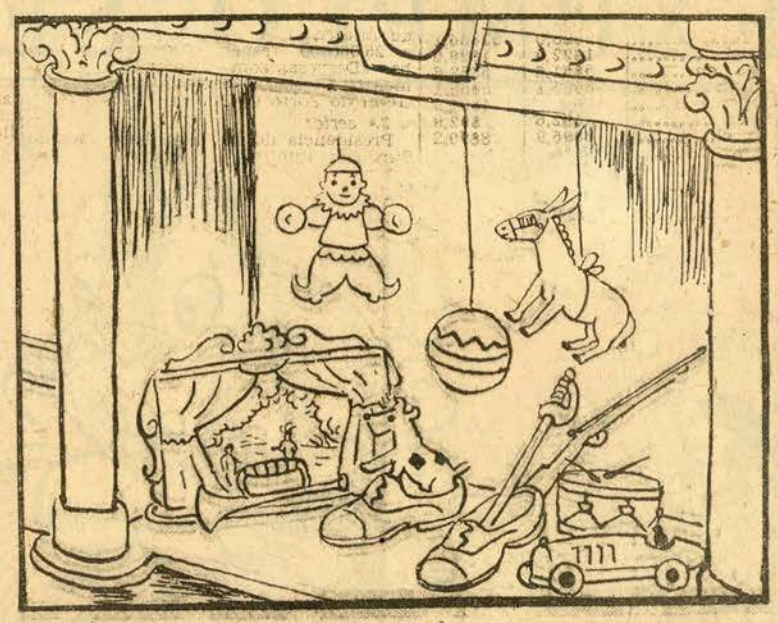
Como se desenha um passarinho

Rôlhas de cortiça que flutuam verticalmente

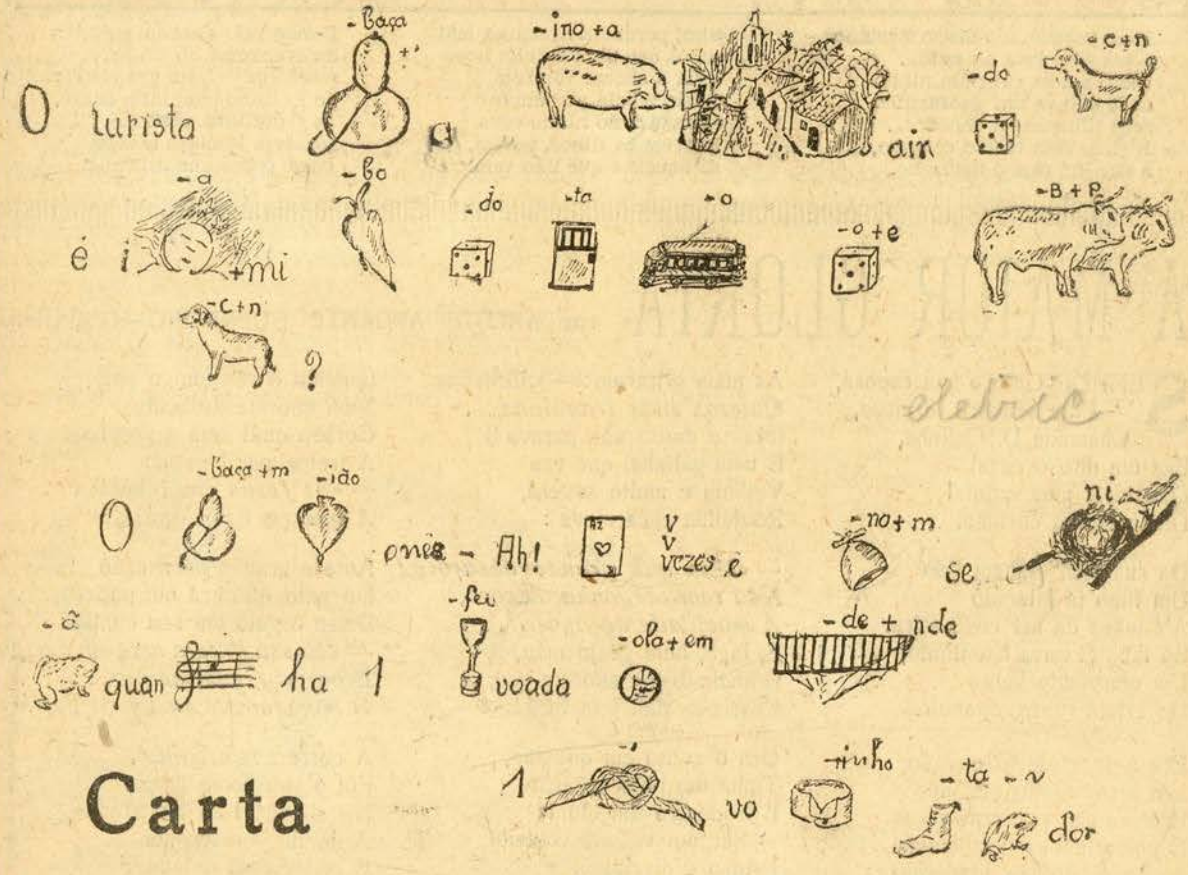
Proponham aos vossos amiguinhos se serão capazes de fazer flutuar em qualquer recipiente com água algumas rôlhas de cortiça na posição vertical. Sabido é que as rôlhas vulgares são, mais ou menos, cilíndricas e que, devido à sua fórma, se conservam, na água, no sentido horizontal, por mais esforços que façamos para as fazer flutuar verticalmente.

Contudo, o caso tem solução. Coloquem, em primeiro lugar, sôbre uma mesa essas rôlhas — que, neste caso, são em número de sete — na posição desejada e reünidas num só grupo. Agarrando-as, em seguida, com uma das mãos, mergulha-se o sistema completamente na água. Retirando-o, então, em parte e abandonando-o a si mesmo, êste conservar-se-há estável, devido à coesão existente no conjunto, motivada pela água que penetrou entre as rôlhas.

PARA OS MENINOS COLORIREM

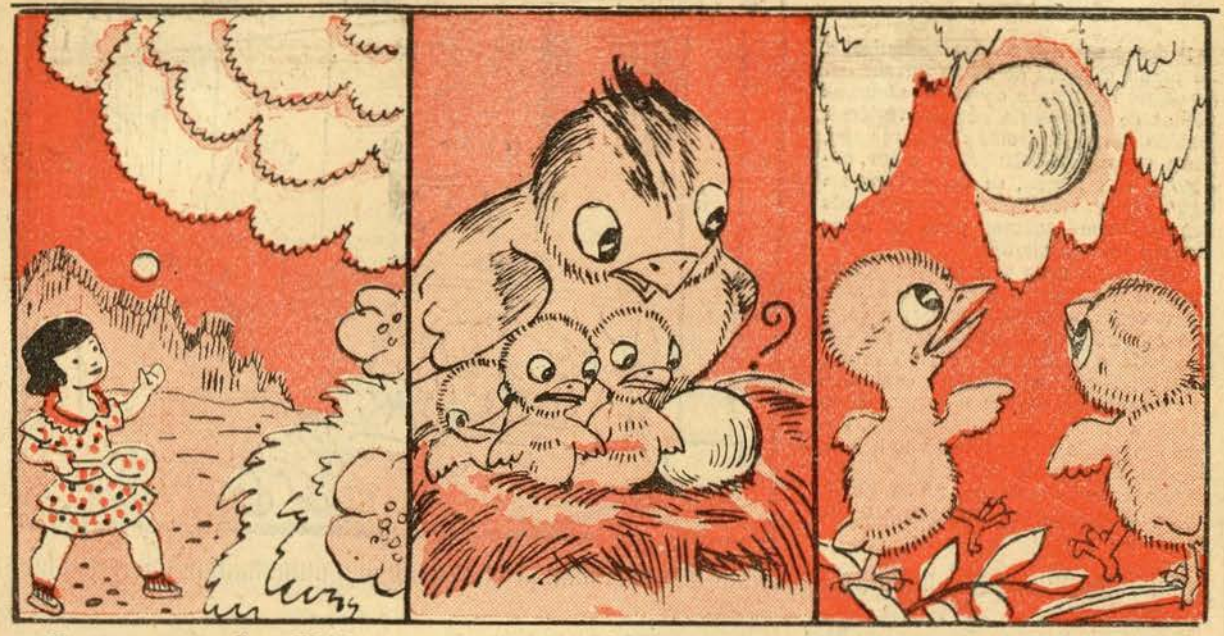


Carta Hieroglífica



Pseudónimo: Ferreirinha
aluna da Casa Pia de Braga
Guarda, 4 de Novembro 1935

EXEMPLO SEGUIDO



Num parque, um dia, o Zèzinho
atira uma bola ao ar!...
Nisto a bola cai num ninho
onde estava um passarinho
seus filhinhos a chocar...
E ei-la, com todo o carinho,
a dar-lhe com o biquinho.

Sim, porque a avezinha mãi
supôs que um filhinho novo
teria a chocar também.
Toma a bola por um ovo
e afaga-a no ninho covo.
Nascem os filhos, porém,
só aquele é que não vem.

Dando pelo engano entanto,
as avezinhas no ninho,
resolvem, — (com grande espanto
do Zèzinho que, num canto,
os espreitava sòzinho),
jogarem também à bola
como o Zèzinho estarola.

A MAIOR GLORIA

POR ARLETE ARGENTE GUERREIRO — (ARGENTINITA)

SENHOR Galo e sua esposa,
— Uma senhora formosa,
Chamada D. Galinha,
Era um ditoso casal
Que vivia num quintal
Duma bonita casinha.

Da sua prol' tinham tido
Um filho já falecido
A's mãos da má cozinheira.
Só lhes restava um filhito,
Um emproado galito
De crista rubra, altaneira.

Era a-pesar-de estouvado,
Um tenor muito afamado
Entre a sua e outras raças.
E por quem as frangaínhas
Andavam doidas, louquinhas,
Rendidas às suas graças!

Logo que, pela manhã,
Lhe ouviam a voz louçã,
A cantar: — «*Có-có-ró-có!...*»
Começavam aos pulinhos,
A's cabriolas, saltinhos,
A dansar o *sol e dó!...*

As mãis gritavam: — «*Meninas*
Quietas suas traquinas...»
(Mas a dansa não parava!)
E uma galinha, que era
Velhota e muito severa,
Roufenha cacarejava:

— «*Mas que grande desafôro!*
Não tem vergonha, decôro,
A mocidade de agora!...»
E, logo, num gesto mau,
Brandindo um enorme pau,
Corria-as dali p'ra fora!...

Ora o galito em questão,
Tinha um belo coracão,
E lá dentro um ideal:
— Ser um valente soldado,
Brioso e disciplinado
Defensor de Portugal.

Era poeta também,
E um dia, ao seu lindo bem,
Estava, assim, a escrever:
— «Meu amôr, meu mais que tudo,
Os teus olhos de veludo
Tanto me fazem sofrer...

Quando o seu amigo pato,
Num enorme desacato,
Correu qual seta e por fim
A tremelicar berrou:
— «*Ai Jesus* que rebentou
A guerra Italo-Abexim!»

Ante a grande admiração
Do pato, que era um poltrão,
Disse o galo em seu cantar:
— «*Nossa Pátria está em perigo,*
E por ela, meu amigo,
O meu sangue eu quero dar!»

A correr, sem hesitar,
Foi o seu nome alistar
No «Quartel da bicharada»,
A-fim-de soldado ser
E poder bem defender
A sua Terra adorada!

O conceito desta história
É singelo mas não fútil:
— «Não pode haver *maior glória*
Do que ser à Pátria útil!»

FIM